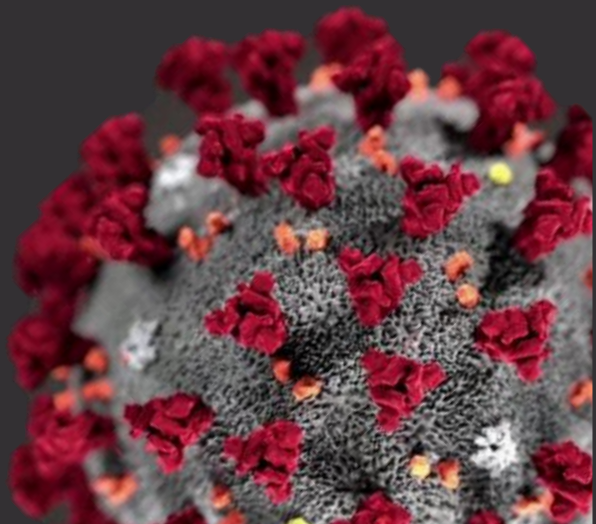


Painel de Monitoramento

Impactos da COVID-19 no mercado de trabalho de Minas Gerais



O Painel de Monitoramento do Mercado de Trabalho é uma produção da Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedese), por meio da Subsecretaria de Trabalho e Emprego (Subte), que tem por objetivo acompanhar e atualizar as principais repercussões da pandemia de COVID-19 sobre o mercado de trabalho no Estado de Minas Gerais. Nesta edição você confere:

- Requisições de Seguro-Desemprego;
- Estatísticas do Sine em Minas Gerais;
- Indicador de Inflação por Faixa de Renda;
- Reflexos da pandemia sobre a educação e qualificação profissional entre jovens;
- Previsões para o PIB 2020;
- Atualização PNAD-COVID;
- Índice de Confiança Empresarial.

SEGURO-DESEMPREGO

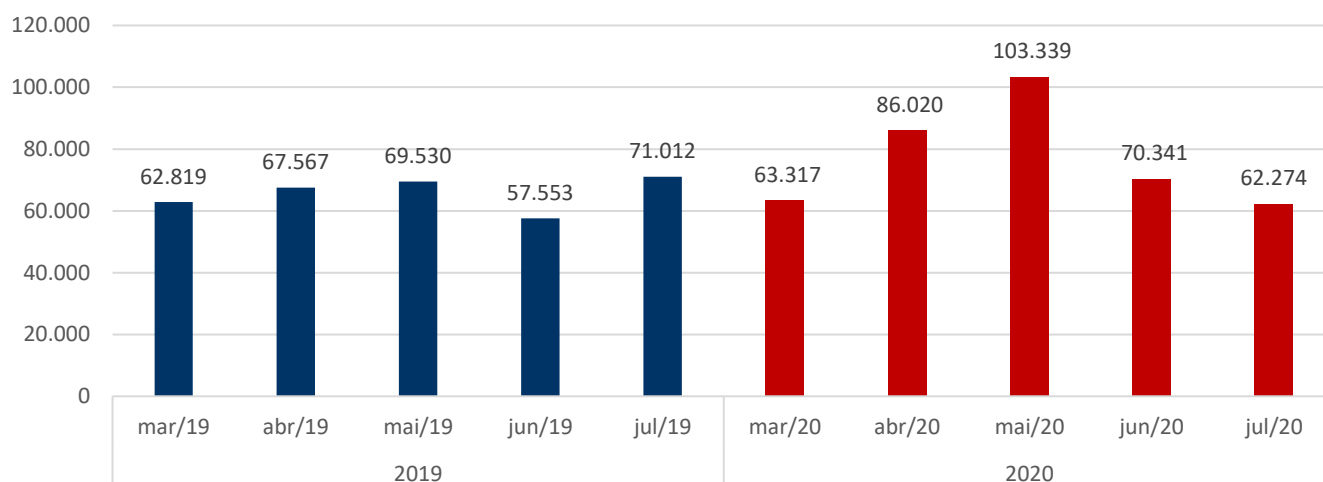
Mês de julho registra 62.274 requisições do benefício em Minas Gerais, o menor número desde o início da pandemia

Com o cenário de instabilidade econômica e fechamento de postos de trabalho no Estado de Minas Gerais, a evolução do número de solicitações do Seguro-Desemprego acaba se tornando um importante indicador para dimensionar os impactos da COVID-19 sobre o mercado de trabalho formal. Segundo dados do Ministério da Economia, o número de requisições do Seguro-Desemprego, no Estado de Minas Gerais, em julho, totalizou 62.274 benefícios, uma redução de 11,4% em relação ao mês anterior. Após atingir o ápice de 53.141 requisições na primeira quinzena de maio, o indicador tem passado por sucessivas quedas, sendo julho o mês com menor demanda desde o início da pandemia. Destaca-se, inclusive, que esse quantitativo pode ser visto com otimismo, acenando para uma possível interrupção do fluxo anormal de demissões, uma vez que a solicitação do Seguro-Desemprego atingiu parâmetros de normalidade, ficando abaixo do valor observado no mesmo mês do ano anterior, quando foram pagos 71.012 auxílios assistenciais em Minas Gerais.

Destaca-se ainda que, com as medidas de flexibilização do isolamento social sendo aderidas por boa parte dos municípios mineiros, inclusive pela capital Belo Horizonte, muitas unidades do Sine têm sido reabertas, acatando à demanda dos trabalhadores que não conseguiram requerer o benefício por meio dos canais digitais. Diante da retomada dos

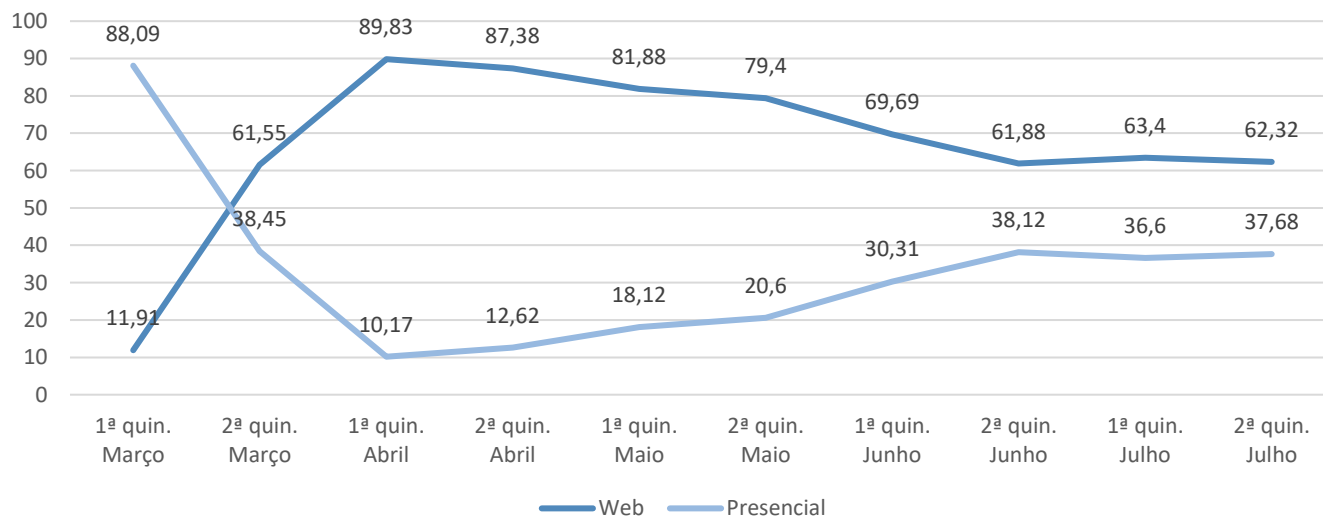
atendimentos presenciais, que têm ocorrido mediante agendamento prévio, o número de solicitações do Seguro-Desemprego por meio dos canais digitais teve a menor taxa no mês de julho (62,8%), uma queda de 25 pontos percentuais em comparação com o mês de abril, quando as requisições web atingiram o pico de 75.973 benefícios - 88,3% do total. Apesar da menor adesão aos serviços digitais, a modalidade ainda é a alternativa majoritária procurada pelos trabalhadores demitidos, uma vez que para além das medidas de isolamento social, as soluções web também oferecem mais comodidade aos usuários que residem em municípios que não possuem postos de atendimento presencial do Sine.

Requisições Totais do Seguro-Desemprego - Minas Gerais



Fonte: Ministério da Economia ([Coordenação-Geral de Gestão de Benefícios](#))

Distribuição das Requisições do Seguro-Desemprego por Modalidade (%)



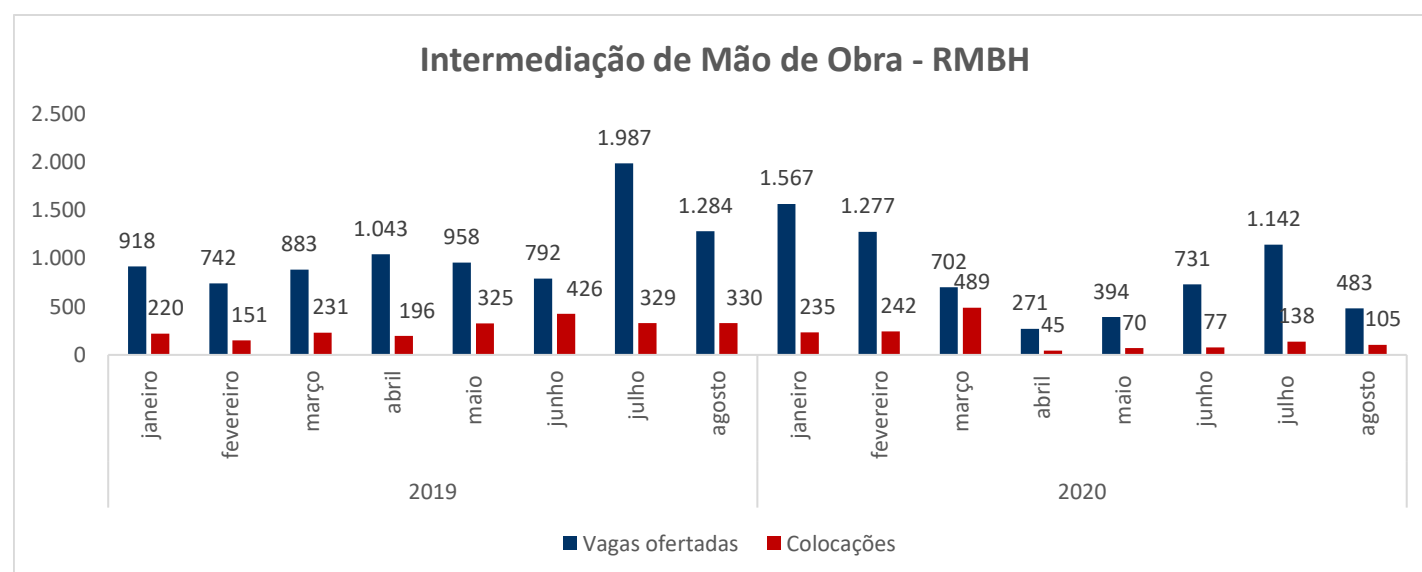
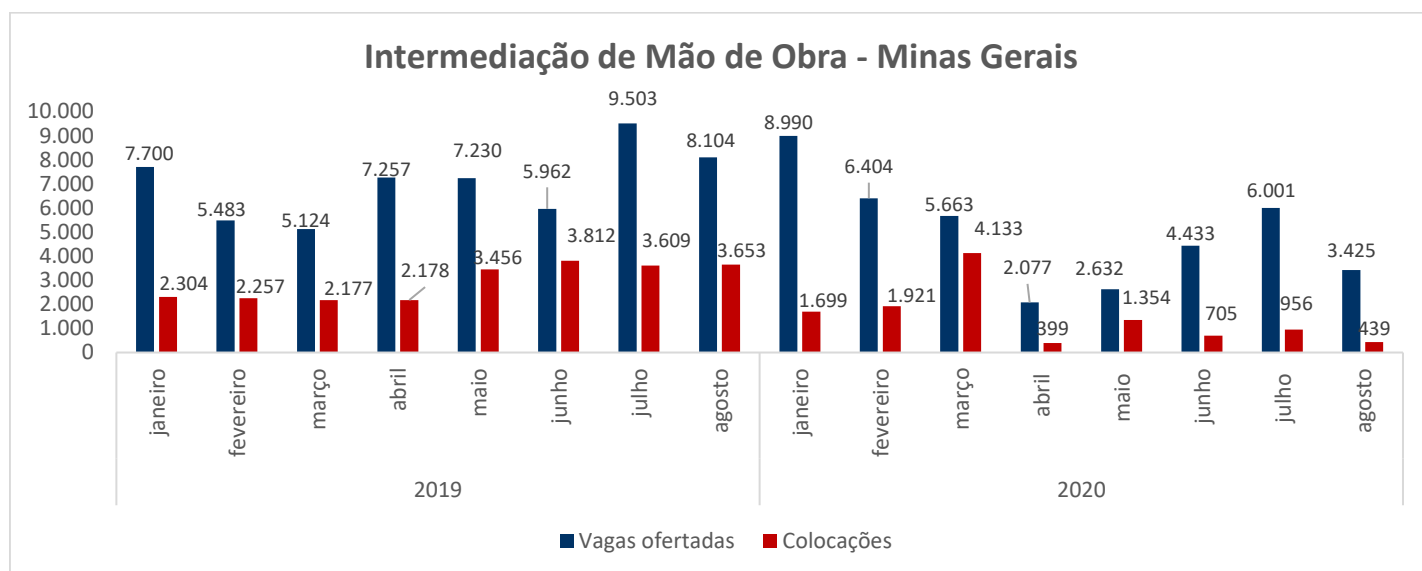
Fonte: Ministério da Economia ([Coordenação-Geral de Gestão de Benefícios](#))

ESTATÍSTICAS DO SINE

Postos de atendimento retomam serviços presenciais

As unidades do SINE em Minas Gerais registraram 608.856 atendimentos entre janeiro e agosto de 2020 (até o dia 17/08), nos diferentes serviços ofertados pela rede, como habilitação do Seguro Desemprego e intermediação de mão de obra, que contempla encaminhamento para vagas de emprego, captação de vagas e colocação de trabalhadores no mercado de trabalho.

A interrupção dos atendimentos presenciais nas unidades do Sine a partir do dia 23 de março implicou na diminuição dos resultados e suscitou a demanda, por parte do trabalhador, para que os serviços fossem retomados. Por isso, diante das medidas de flexibilização do isolamento social que entraram em vigor a partir do mês de julho, algumas unidades voltaram a atender presencialmente, mediante agendamento prévio, o que justifica o aumento no número de vagas ofertadas e colocações. Os gráficos abaixo detalham essa realidade no Estado de Minas Gerais e na Região Metropolitana de Belo Horizonte:



Fonte: Ministério da Economia – Base de Gestão IMO/SD

Dados referentes ao mês de agosto computados até o dia 17/agosto

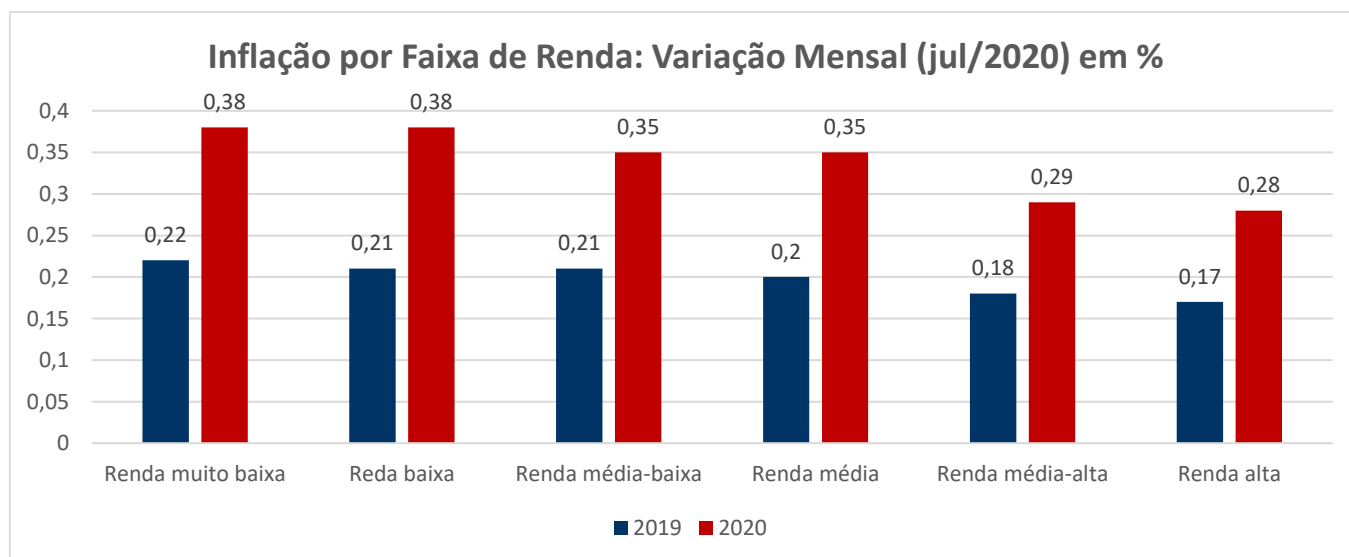
INDICADOR DE INFLAÇÃO

Luz e aluguel produziram 50% da variação de inflação dos mais pobres em julho, segundo o IPEA

O Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda, divulgado no dia 14 de agosto, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), aponta para uma aceleração inflacionária em todas as classes de renda em julho deste ano, pelo segundo mês consecutivo. A situação é pior para as famílias com renda até R\$ 1.534,55/ mês, com alta mensal de 0,38%. No entanto, para os mais ricos, com renda familiar acima de R\$ 15.345,53, a inflação foi menor.

As despesas com habitação foram as que mais pesaram no bolso dos mais pobres em julho, devido aos reajustes de 2,6% na tarifa de energia elétrica e de 0,53% nos aluguéis. Esses itens responderam por 50% da variação total da inflação do segmento de menor renda. As famílias de menor poder aquisitivo também sofreram com elevações vindas dos alimentos domésticos, especialmente carnes (3,7%) e leites e derivados (3,8%). Ainda que em menor escala, a alta do grupo de transportes - com aumento dos combustíveis (3,1%) e das tarifas de metrô (0,94%) - também ajuda a explicar este quadro inflacionário para a faixa de renda mais baixa.

Para a classe de renda mais alta, o peso dos combustíveis fez com que o grupo de transporte explicasse quase 65% de toda a inflação registrada em julho. Essa contribuição foi aliviada pela queda nos preços das passagens aéreas (-4,2%) e no transporte por aplicativo (-8,2%). As famílias mais ricas também se beneficiaram com as deflações dos itens: empregada doméstica (-0,52%), clube (-1,46%) e hospedagem (-0,95%). No acumulado do ano, a inflação continua mais amena para as classes mais altas (0,03%), em comparação aos segmentos de renda mais baixa (1,2%). Nos últimos 12 meses, a inflação dos mais pobres foi de 2,9%, acima do índice de 1,7% que atingiu as famílias de maior poder aquisitivo. O [Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda](#) é calculado mensalmente, com base nas variações de preços de bens e serviços disponibilizados pelo Sistema Nacional de Índice de Preços ao Consumidor, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.



Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E JUVENTUDE

Pandemia interrompe a educação de mais de 70% dos jovens e causa preocupação quanto ao futuro do trabalho

De acordo com o relatório “Juventude e COVID-19: impactos sobre empregos, educação, direitos e bem-estar mental”, publicado no dia 11 de agosto pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), a crise provocada pela pandemia está causando um efeito devastador sobre a educação e a formação da juventude, especialmente em países como o Brasil.

Desde o início da pandemia, mais de 70% dos jovens que estudam ou combinam os estudos com o trabalho foram adversamente afetados pelo fechamento de escolas, de universidades e de centros de treinamento. Segundo o relatório, 65% dos jovens disseram ter aprendido menos desde o início da pandemia, como consequência do período de transição do ensino presencial em sala de aula para o ensino online ou a distância durante a fase de confinamento. Apesar de seus esforços para continuarem os estudos e a capacitação, metade destes jovens acredita que a conclusão dos estudos será atrasada, e 9% afirmam que poderão ter que abandonar os estudos definitivamente.

A situação é ainda mais grave para os jovens que vivem em países de baixa renda, onde há grandes lacunas no acesso à Internet e na disponibilidade de equipamentos e, às vezes, até de espaço em casa. Isso destaca a enorme "divisão digital" entre as regiões. Enquanto 65% dos jovens em países de alta renda puderam assistir às aulas por meio de videoconferência, a proporção de jovens que

puderam prosseguir seus estudos online em países de baixa renda foi de apenas 18%.

De acordo com Guy Ryder, diretor-geral da OIT, a pandemia está infligindo vários choques aos jovens. “Ela não só destrói seus empregos e suas perspectivas profissionais, mas também compromete sua educação e seu treinamento e tem repercussões graves sobre o seu bem-estar mental. Não podemos deixar que isso aconteça”, afirma.

Ainda de acordo com o relatório, 38% dos jovens não têm certeza sobre suas perspectivas de carreira, e espera-se que a crise crie mais obstáculos no mercado de trabalho e estenda o período de transição entre o fim dos estudos e o momento em que os jovens ingressam no primeiro emprego. Como geralmente a juventude ocupa segmentos econômicos fortemente impactados pela pandemia como atendimento ao cliente, prestação de serviços e vendas, por exemplo, 42% dos jovens que mantiveram seus empregos tiveram sua renda reduzida.

Tal contexto de incerteza teve profundos reflexos sobre o bem-estar mental da juventude. A pesquisa revelou que 50% dos jovens são propensos a sofrer de ansiedade ou depressão, enquanto outros 17% provavelmente já estão passando por esses distúrbios psicoemocionais.

[Para acessar o relatório completo, clique aqui.](#)

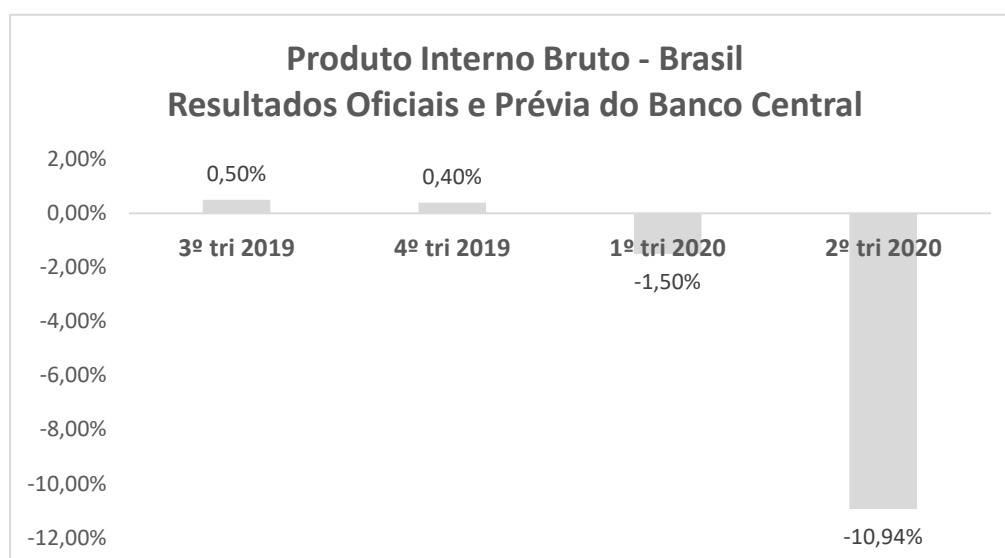
PREVISÕES PARA O PIB 2020

Economistas preveem queda de 5,52% do PIB 2020, resultado mais otimista das últimas sete semanas

De acordo com o relatório "Focus", divulgado no dia 17 de agosto pelo Banco Central, os economistas do mercado financeiro reduziram a previsão para a queda do Produto Interno Bruto (PIB) de 2020, revisando a estimativa de uma redução de 5,62% para 5,52%. Essa foi a sétima semana seguida de melhora do indicador, cujos dados foram levantados a partir de uma pesquisa realizada com mais de 100 instituições financeiras.

Com a chegada da pandemia de Covid-19, a atividade econômica no Brasil foi afetada pelas medidas de isolamento social, que impuseram restrições ao funcionamento de diversos segmentos de produção, comércio e serviços. Nesse contexto, as previsões sinalizavam para uma recessão. No dia 14 de agosto, o Índice de Atividade Econômica (IBC-Br), divulgado pelo Banco Central (BC), registrou um tombo de 10,94% na economia brasileira durante o segundo trimestre de 2020.

O indicador é considerado uma "prévia" do desempenho do Produto Interno Bruto, que é a soma de todos os bens e serviços produzidos no país e serve para medir a evolução da economia. No entanto, o resultado oficial do PIB do segundo trimestre será divulgado apenas no dia 1º de setembro pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).



Fonte: IBGE e Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)

Nas últimas semanas, contudo, as previsões foram revisadas e indicam para uma recuperação da economia brasileira, alavancada principalmente pelos segmentos da indústria e comércio, que foram beneficiados pelas medidas de flexibilização do isolamento social. Em relação às previsões para 2021, a expectativa do mercado financeiro de crescimento do PIB foi mantida em 3,50%.

ATUALIZAÇÃO PNAD-COVID

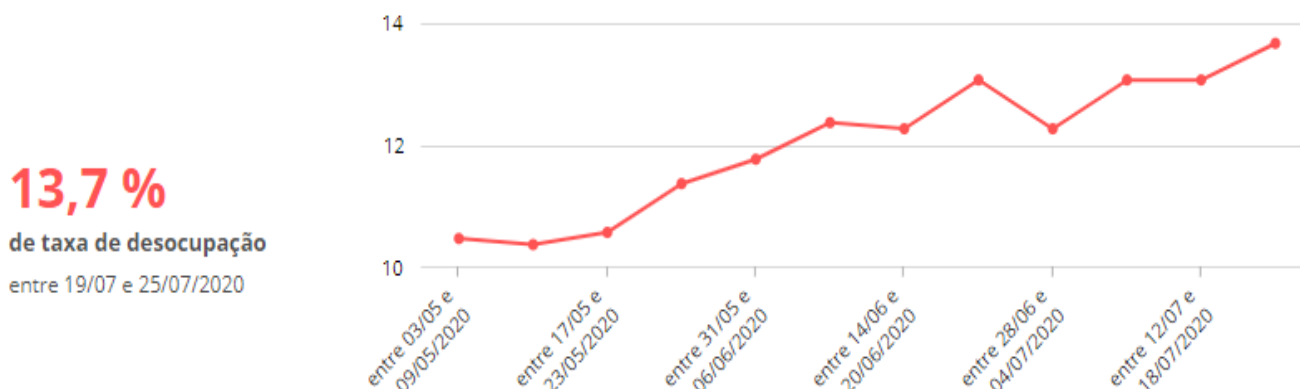
Taxa de desocupação aumenta novamente e chega a 13,7%, além disso, informalidade representa 33,5% da população

A edição da PNAD Covid semanal, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou que ao menos três milhões de pessoas ficaram sem trabalho devido à pandemia na última semana do mês de julho. Na primeira semana de maio, início da pesquisa, a taxa de desocupação era de 10,5%, com 9,8 milhões de pessoas desocupadas. No levantamento mais recente, realizado na última semana de julho, a taxa de desocupação atingiu 13,7%, compreendendo 12,9 milhões de pessoas.

Todos os indicadores sobre o mercado de trabalho se mantiveram estatisticamente estáveis na passagem da terceira para quarta semana de junho, exceto a taxa de informalidade, que subiu de 32,5% para 33,5% após incremento de 602 mil trabalhadores informais de uma semana para outra, totalizando 27,2 milhões de pessoas. Entretanto, em relação ao início da pesquisa, a taxa de informalidade na quarta semana de julho ainda ficou 2,2 pontos percentuais abaixo da registrada no início de maio (35,7%). A taxa de informalidade consiste no percentual de pessoas ocupadas e na informalidade no total da população ocupada.

“Vimos na divulgação da semana passada que essa população ocupada e na informalidade tinha caído. É uma força de trabalho que oscila bastante nessas comparações curtas. As pessoas entram e saem da força de trabalho com muita facilidade. Com mais facilidade que a população ocupada, que é formalizada”, explica Maria Lúcia Vieira, coordenadora da pesquisa.

Taxa de Desocupação



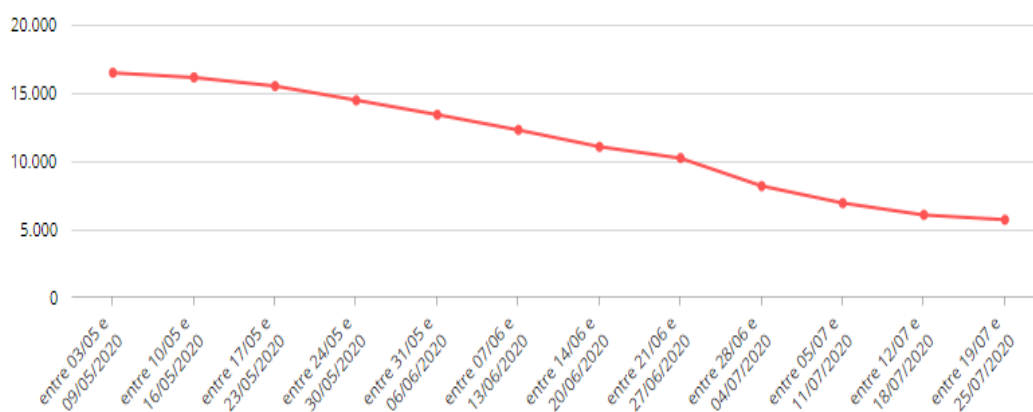
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - PNAD-COVID

Na quarta semana de julho, os resultados da pesquisa se mantiveram estatisticamente estáveis na comparação com os resultados da semana anterior. Porém, em relação aos resultados da primeira semana de maio, início da pesquisa PNAD Covid, a variação dos indicadores ao longo do tempo se mostra bastante evidente. Em relação ao início da pesquisa, a população ocupada recuou de 84 milhões para 81 milhões. Já a população ocupada e afastada do trabalho que tinham devido ao distanciamento social caiu de 16,5 milhões para 5,8 milhões, queda estimulada pela flexibilização das medidas de distanciamento social, resultando no retorno de muitas pessoas ao trabalho, e pelo aumento do fluxo fechamento de postos de trabalho.

Afastamento do trabalho devido ao distanciamento social

5,8 milhões

de pessoas afastadas do trabalho devido ao distanciamento social



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - PNAD-COVID

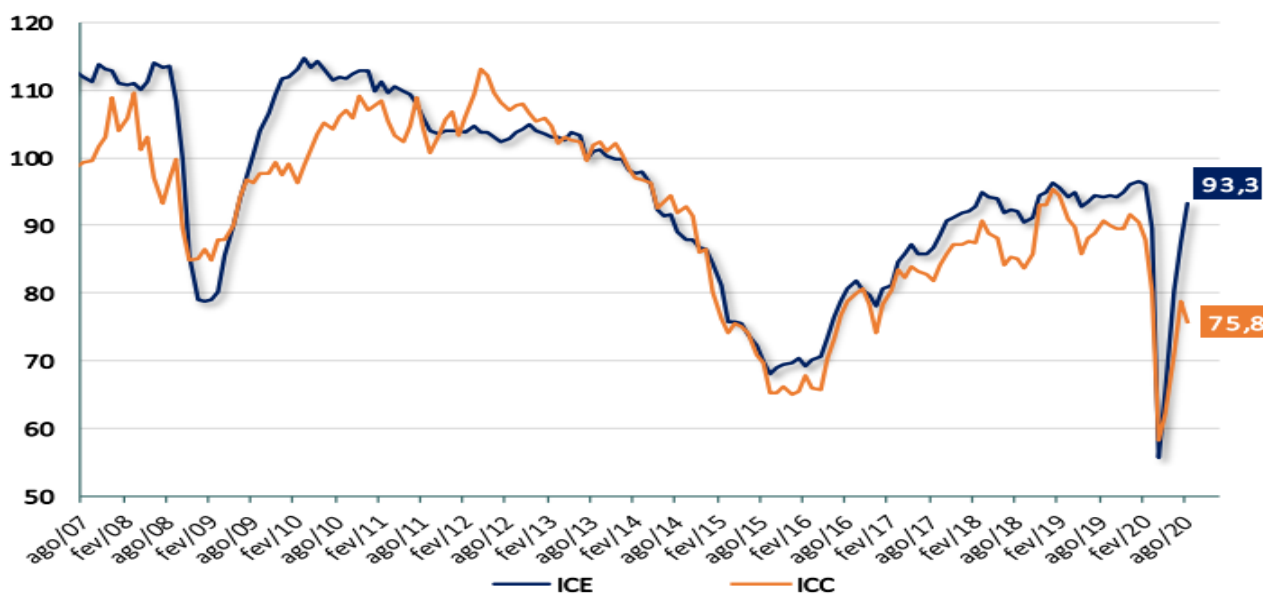
ÍNDICE DE CONFIANÇA EMPRESARIAL

Empresários e consumidores possuem expectativas distintas quanto ao futuro

De acordo com a prévia extraordinária das sondagens para o mês de agosto, divulgada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV IBRE), a expectativa dos empresários e consumidores tende a caminhar em sentidos opostos. Em relação ao mês de julho, a estimativa é que o Índice de Confiança Empresarial (ICE) de agosto cresça 5,8 pontos e atinja o patamar de 93,3 pontos. Já a estimativa para o Índice de Confiança do Consumidor (ICC) é de recuo de 3 pontos, chegando a 75,8 pontos até o final do mês. Os resultados mostram que a confiança dos empresários tende a aumentar, enquanto a confiança dos consumidores tem previsão de queda. Segundo Rodolpho Tobler, economista da FGV IBRE, o resultado da prévia mostra que a expectativa dos empresários está muito próxima da recuperação aos patamares pré-pandemia, pois, caso confirmadas as estimativas, a confiança dos empresários em agosto estará a apenas 2,7 pontos abaixo do índice registrado em fevereiro.

O gráfico abaixo apresenta a variação entre esses indicadores:

Índice de Confiança Empresarial e Índice de Confiança do Consumidor



*Dados prévios com informações até dia 13 de agosto.

Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FGV IBRE)

Entretanto, o aumento da confiança dos empresários não tem sido homogêneo entre os quatro setores cobertos pela sondagem: Indústria, Serviços, Comércio e Construção. Apesar de todos os segmentos apresentarem tendência de aumento do indicador, o setor do Comércio pode apresentar resultados mais positivos que os demais. Para o segmento, a variação positiva do ICEI no mês de agosto pode ser de 10,2 pontos, que, somada aos resultados anteriores, recuperaria 90,9% das perdas de confiança acumuladas no bimestre março-abril para o setor. Em seguida está a Indústria, com aumento previsto de 8,8 pontos em agosto e recuperação de 93,5% das perdas. Quanto aos setores de Serviços e Construção, o ritmo de recuperação tende a ser menos acelerado, com aumento da confiança prevista de 3,6 e 1,7 pontos e recuperação de 72,7% e 73,4%, respectivamente.

Em relação à confiança dos consumidores, nota-se uma tendência oposta em relação a dos empresários, decorrente das distintas percepções quanto ao momento atual e expectativas em relação ao futuro. Enquanto o Índice de Situação Atual dos Empresários (ISA-E) subiria 8 pontos e chegaria ao patamar de 87,7 pontos até o final do mês, o Índice de Situação Atual dos Consumidores (ISA-C) se manteria no patamar de 71 pontos. Em relação às expectativas, o Índice de Expectativas Empresarial (IE-E) subiria 4,8 pontos e chegaria a 90,4 pontos e o índice que mensura as perspectivas dos consumidores para os próximos meses (IE-C), cairia 5,1 pontos, fechando o mês com 80 pontos.